

**A EUCARISTIA:  
UMA REFLEXÃO A PARTIR DA  
TRADIÇÃO LITÚRGICA**

*Juan Antonio Ruiz de Gopegui SJ*

***Eucaristia e gratuidade da salvação em Cristo***

A forma de conceber a celebração da eucaristia esteve no centro das grandes controvérsias do século XVI que tiveram como resultado uma das mais funestas divisões da Igreja de Jesus Cristo que perdura até hoje. Se o centro das divergências estava no tema paulino da “gratuidade da salvação em Cristo”, não podia deixar de refletir-se no Mistério central da fé: a Eucaristia, que no dizer dos Pais da Igreja celebra a “totalidade do Mistério de Cristo”, *totum mysterium*.

O Concílio Vaticano II, celebrado com a participação, na qualidade de observadores, de representantes de várias confissões cristãs não católicas, já desde as primeiras sessões e certamente a partir do seu primeiro documento, a Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia, abriu horizontes promissores às esperanças dos cristãos que ansiavam e oravam por uma volta à unidade. A forma renovada de conceber a Eucaristia, preparada pelos longos e combatidos esforços do “movimento litúrgico”, fazia esperar que em tempo talvez não muito distante, a celebração do Mistério central da fé pudesse reunir os cristãos separados na confissão da mesma fé.

Em grupos seletos, empenhados na unidade, e de maneira especial no âmbito das comissões de trabalho das Igrejas que com persistência

evangélica continuaram o diálogo ecumênico, nestes 36 anos após a divulgação da Constituição Conciliar, os frutos se tornaram patentes. O último fruto desses diálogos foi a assinatura bilateral da “Declaração conjunta Católica Romana – Evangélica Luterana, sobre a *Doutrina da Justificação por Graça e Fé*”<sup>1</sup>. Com relação à Eucaristia, o Documento de Lima — *Batismo, Eucaristia, Ministério*<sup>2</sup> — mostra bem o consenso na forma de conceber da Eucaristia.

Mas, se no âmbito desses grupos seletos pode reconhecer-se com nitidez o progresso do diálogo, perante certas formas de devoção eucarística divulgadas pelos meios de comunicação e mesmo diante do panorama atual das Igrejas cristãs e das suas celebrações, cabe a pergunta de se a renovação esperada pelo Concílio, se realizou de forma crescente, ou se, devido a algum percalço inesperado do caminho, recuou temerosa ou se desviou por atalhos sedutores e enganosos, até o ponto de postular, como chegam a sugerir alguns, uma “nova reforma litúrgica” e conseqüentemente um novo *aggiornamento* da Igreja, para usar o termo tão querido ao saudoso João XXIII.

O Jubileu de abertura de um novo milênio de cristianismo e de maneira especial o Congresso Eucarístico Internacional, celebrado em Roma de 18 a 25 de junho, assim como outros que a ele farão eco em diversos países deveriam incentivar uma reflexão sobre a forma de celebrar o mistério central da fé cristã. O convite de João Paulo II a toda a Igreja a uma docilidade crescente a ação do Espírito<sup>3</sup> como atitude fundamental para a celebração do Jubileu deveria ser o ponto de partida de qualquer celebração jubilar.

O árduo e paciente caminho percorrido pelos grupos empenhados no ecumenismo poderá servir de exemplo inspirador. Duas atitudes fundamentais transparecem nesse diálogo exemplar: partir do pressuposto de que a unidade requer uma conversão recíproca, já que a divisão foi causada por erros e incompreensões das duas partes em litígio e tentar rever os pontos teológicos conflitantes que deram lugar

---

<sup>1</sup> CEBI, *Declaração conjunta Católica Romana – Evangélica Luterana, sobre a Doutrina da Justificação por Graça e Fé*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, cf. pp. 7-20.

<sup>2</sup> CONSELHO MUNDIAL DAS IGREJAS & COMISSÃO DE FÉ E CONSTITUIÇÃO, *Batismo, Eucaristia, Ministério*, Rio de Janeiro: CONIC – CEDI, 1983. Este documento abriu um amplo diálogo nas Igrejas, cujos resultados estão compendiados em *Baptism, Eucharist & Ministry, 1982-1990. Report on the Process and Responses*. Faith and Order Paper N.º 149, Geneva: WWC Publications, 1992. Cf. especialmente pp. 55-74 e 112-120, “Responses to the Eucharist section” e “Clarifications and comments on the Eucharist text”.

<sup>3</sup> JOÃO PAULO II, “*Incarnationis mysterium*”, *Bula de proclamação do grande Jubileu do ano 2000*. n.2: “O Grande Jubileu do Ano 2000 está às portas. Desde a minha primeira Carta Encíclica, a *Redemptor hominis*, chamei a atenção para esta meta, unicamente com o objetivo de preparar o ânimo de todos, para se tornarem dóceis à ação do Espírito”.

à divisão, à luz do patrimônio comum da fundamentação da fé: a Escritura recebida na corrente viva da grande Tradição eclesial.

Com relação à compreensão de Eucaristia os testemunhos privilegiados da Tradição são os documentos da Antigüidade cristã da própria celebração litúrgica: os textos eucológicos legados pela tradição litúrgica do Oriente e Ocidente cristãos, ao lado dos testemunhos dos Pais da Igreja, que transmitem a compreensão eclesial dos mesmos. O primeiro milênio da cristandade deve ser privilegiado, porque nele encontramos uma compreensão da eucaristia anterior à polarização das controvérsias que estreitaram o campo de explicação teológica da eucaristia e conseqüentemente as formas de expressão da própria prática litúrgica. Por outro lado, o testemunho desses primeiros séculos da Igreja é facilmente aceito pelas diversas comunhões cristãs como ponto de partida do diálogo para reencontrar a comum tradição da fé.

Este artigo quer mostrar quanto podem se enriquecer a compreensão e a prática da Eucaristia voltando o olhar para a tradição litúrgica do Oriente e do Ocidente, abrangendo assim um horizonte amplo da Igreja de Jesus Cristo e superando o “regionalismo” tão freqüente naqueles que se dizem “tradicionalistas”. Algo semelhante aconteceu certamente na aula conciliar, embora ainda certos temores e preconceitos multisseculares impedissem aos seus participantes chegar às últimas conseqüências das grandes intuições conciliares. Havia, contudo, a consciência em muitos deles de que o *aggiornamento* conciliar seria apenas o primeiro passo de um caminho que deveria continuar.

Convida-se pois o leitor a um exercício paciente de análise de alguns documentos da tradição litúrgica. Somente o contato direto com testemunhos da tradição, diferentes de aqueles que fazem parte do universo cotidiano da própria experiência religiosa, pode mudar mentalidade teológicas arraigadas, fruto de uma catequese multissecular.

Limitações de espaço fazem com que este exercício deva ser restrito a dois testemunhos da tradição litúrgica: a anáfora da *Tradição Apostólica* de Hipólito e a anáfora alexandrina de São Basílio. Outros, contudo, serão tidos em conta na reflexão, embora nem sempre isto possa ser explicitado. Assim como também o fato importantíssimo do contexto ritual das anáforas, que é a totalidade da celebração da Eucaristia: uma anáfora é sempre “resposta” a uma Palavra divina proclamada e acolhida anteriormente, e ela toma colorações e acentos diferentes a partir dessa acolhida. Liturgia da Palavra e Anáfora ou Oração eucarística são inseparáveis.

O princípio teológico da justificação por fé e graça norteará a análise que faremos destas anáforas. Somos devedores de nossos irmãos da Reforma de ter chamado a atenção para este postulado fundamental da fé cristã de tradição paulina, que se apresenta como instância crítica para julgar certas práticas litúrgicas. Se o dissenso na compre-

ensão da Eucaristia escondia o dissenso mais profundo na forma de compreender a justificação, é de se esperar que o aprofundamento deste ponto central da fé cristã, no diálogo ecumênico, ajude a uma melhor compreensão da eucaristia, e favoreça a unidade na missão da única Igreja de Jesus Cristo.

#### A anáfora da “Tradição apostólica”

- O Senhor esteja convosco! = E com teu Espírito
- Corações ao alto! = O nosso coração está no Senhor
- Demos graças ao Senhor = É digno e justo

*Nós te damos graças, ó Deus, por teu Servo (puerum) querido Jesus, que nestes últimos tempos nos enviaste como salvador e redentor, e mensageiro (angelum) de tua vontade, que é tua Palavra inseparável, pela qual fizeste todas as coisas e que, porque foi do teu agrado, enviaste do céu ao seio de uma Virgem, e que, tendo sido concebido, se fez carne e se manifestou como teu Filho, nascido do Espírito Santo e da Virgem. Ele, para cumprir a tua vontade, e adquirir para ti um povo santo, estendeu as mãos na hora da sua paixão, para libertar da paixão (sofrimento) aqueles que creram em ti. Ele, enquanto era entregue à paixão livremente aceita, calcar aos pés o inferno, iluminar os justos, fixar o limite à morte <sup>4</sup> e manifestar a ressurreição, tomando o pão, dando-te graças, disse: Tomai, comei, isto é meu Corpo que por vós será quebrado <sup>5</sup>. Tomou igualmente o cálice, dizendo: Este é o meu Sangue, que por vós será derramado. Quando fizerdes isto, fá-lo-eis em minha memória. Por isso, nós, celebrando a memória da sua morte e da sua ressurreição, te oferecemos o pão e o cálice, dando-te graças porque nos consideraste dignos de estar diante de ti e de servir-te. E te pedimos que envies o teu Espírito Santo à oblação da santa Igreja; congregando-os na unidade, dá a todos os santos que a recebem serem repletos do Espírito Santo, para a confirmação da fé na verdade, a fim de que nós te louvemos e glorifiquemos por teu servo Jesus Cristo, por quem te é dada a glória e a honra com o Espírito Santo, agora e pelos séculos do séculos.*  
*AMÉM.*

<sup>4</sup> Ou: “ao inferno” [ut terminum figat]. Há ainda quem traduz: “para estabelecer a regra (da fé)”.

<sup>5</sup> *Confringetur*: conforme 1Cor 12,24, cod. D.

Esta anáfora representa um precioso testemunho da tradição litúrgica do século III, na Igreja de Roma, como também em outras Igrejas do Oriente. Pertencendo à época em que ainda havia lugar para a improvisação do presidente da assembléia, em torno a um esquema comum nos seus elementos fundamentais, não é permitido pensar que o testemunho de Hipólito transmita a única forma de celebração da Igreja romana, daquele século, mas certamente atesta uma delas. É o testemunho mais antigo de uma anáfora cristã já desenvolvida quanto aos seus elementos essenciais, que permaneceram constantes ao longo de toda a tradição anafórica da Igreja. Por sua simplicidade e sua linearidade a anáfora da *Tradição apostólica* representa o melhor ponto de partida para compreender a Eucaristia e a sua ligação com a tradição judaica e em especial com a “tradição de Jesus”, testemunhada pelo NT.

### ***Testemunho do Novo testamento e anáfora da Tradição Apostólica***

Como é sabido, se o testemunho do NT é normativo para a Tradição, ele só pode ser corretamente compreendido na circularidade hermenêutica constituída pelos textos bíblicos e a tradição eclesial que os transmite. É por isso que esta anáfora de Hipólito (embora sempre considerada no conjunto da Tradição litúrgica) nos pode ajudar a compreender os textos neotestamentários da tradição da Ceia do Senhor, ao mesmo tempo que estes nos ajudam a compreender e interpretar a anáfora de Hipólito.

A anáfora da *Tradição Apostólica* é uma oração de “ação de graças” que se prolonga muito naturalmente, como é típico da *berakâ*, numa súplica ou epiclese, ou seja invocação do Espírito sobre a ação litúrgica da assembléia celebrante. Uma vez que Jesus na Ceia, num contexto de celebração pascal, pronuncia a “bênção de ação de graças” ao dar aos discípulos o pão como sacramento do seu Corpo entregue na cruz e o cálice como sacramento do Sangue derramado, para o perdão dos pecados, ordenando-lhes que façam o mesmo em sua memória, a compreensão do gesto de Jesus exige relacionar a *berakâ* judaica, os textos do NT referentes à Ceia e a Eucaristia e as anáforas cristãs.

É este trabalho comparativo, pacientemente realizado por especialistas durante décadas, sobretudo a partir dos começos do Movimento Litúrgico, que tem permitido avançar na compreensão do gesto de Jesus e do que Ele quer da Igreja com o mandato de reiterar de alguma forma o seu gesto. Evidentemente não é possível percorrer nestas breves páginas o caminho percorrido por esses estudos. Recolhamos, apenas, alguns dos seus resultados, com o intuito de ajudar o cristão a relacionar o gesto de Jesus com a eucaristia que ele celebra cada semana.

A própria presença das anáforas na tradição litúrgica mostra que a Igreja entendeu o mandato do Cristo como gesto de ação de graças<sup>6</sup>. A Igreja “dá graças”, como Jesus fez na ceia, seguindo a tradição judaica de bendizer a Deus pela libertação pascal suplicando a sua consumação escatológica.

### ***Ação de graças da Ceia: Jesus dá um sentido à sua morte***

Mas é claro que a ação de graças da Igreja, não pode ser mera repetição do gesto – único, singular e irreiterável – realizado por Jesus, na véspera da sua paixão, como também é óbvio que Jesus não se limitou nessa ação de graças da ceia a repetir uma das numerosas bênçãos (a *Birkat hammazôn*, ou bênção de ação de graças do final da ceia, por exemplo) que os judeus pronunciavam na ceia pascal. O estudo comparativo dos textos neotestamentários, das anáforas cristãs e dos textos judaicos tem permitido aos estudiosos chegar a esta conclusão, que, por outro lado, uma vez proposta, resulta bastante fácil de ser compreendida ao cristão comum, a partir da análise da tradição anafórica da Igreja e dos textos neotestamentários.

Jesus, naquela ceia pascal, celebrada também por aqueles que tramavam a sua morte, e, no entanto, pronunciavam a *berakâ* pela libertação divina, transforma radicalmente o sentido da bênção. A transformação, porém, nasce de levar às últimas conseqüências a tradição da celebração pascal recebida dos pais. Consciente de sua missão messiânica, “sabendo que tinha chegado a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” – como interpretará o evangelho de João (13, 1)– e tendo no horizonte a ameaça de morte que pretende acabar com a sua missão, Jesus, num derradeiro gesto profético manifesta aos discípulos o “sentido de sua morte”. Melhor, com esse gesto, dá um sentido à sua morte, perante os discípulos maravilhados. Acolhendo com amor a morte que a violência humana quer infringir-lhe, Jesus transforma aquilo que não seria mais do que um crime, acrescentado a tantos outros, no seu último ato de *entrega* aos discípulos, e à humanidade toda, para o advento do Reino, proclamado com toda a sua vida. “Eu dou minha vida pelas ovelhas... Ninguém tira a minha vida, eu a dou por mim mesmo; tenho poder de entregá-la e tenho poder de recebê-la novamente; esta é a ordem que recebi do meu Pai”, como interpretará o evangelho de João (Jo 10, 15.18).

---

<sup>6</sup> Isto que parece tão óbvio, ficou obscurecido na teologia e na catequese do segundo milênio, centrada na “presença de Cristo realizada pelas palavras consecratórias do sacerdote” e na realidade da eucaristia como “sacrifício”, explicados a partir de conceitos exteriores à tradição litúrgica.

Os textos do Novo Testamento não mostram o conteúdo da “bênção” de Cristo. Mas o contexto da tradição judaica, iluminado pelas palavras de Cristo sobre o pão e sobre o vinho, e pela tradição das orações eucarísticas da Igreja, desde as mais antigas até as atuais, pode abrir caminhos que permitam vislumbrar alguma coisa do que deve ter sido. É o que faz com profundidade a chamada ‘oração sacerdotal’, que João põe nos lábios de Jesus na Ceia. Se Jo 17, 1-26 não pretende reproduzir literalmente a “ação de graças de Jesus”, certamente a interpreta de forma inspirada. A verdade da Escritura não está na reconstrução arqueológica dos fatos a que os textos se referem, mas na sua repetida releitura inspirada pelo Espírito de Deus. É assim que esses fatos se tornam Palavra viva de Deus para a Igreja.

Não é a hipotética reconstrução da ação de graças do Cristo que seria o ponto de partida de uma teologia da eucaristia. O fato verdadeiramente relevante é o enraizamento da oração eucarística da Igreja na ação de graças do Cristo na ceia. Ação de graças que, em perfeita continuidade com a tradição da *berakâ* judaica e levando-a à plenitude, se torna entrega do “sacramento do seu Corpo e do seu Sangue”, consumada no Calvário.

Na ceia pascal judaica, partilhar o pão ázimo, sobre o qual fora pronunciada a bênção, depois de ter lido o relato da libertação pascal, significa acolher e partilhar a bênção do Deus libertador, invocando a continuação da ação divina libertadora e acolher a vida na Aliança. Jesus faz do pão sacramento do seu Corpo entregue para a vida do mundo, no horizonte escatológico da ceia, antecipado profeticamente pelo discurso de Jo 6 sobre o “pão da vida eterna”.

A coincidência “simbólica”, no evangelho de João, do dia e da hora da morte do Cristo, com o sacrifício dos cordeiros no templo aponta para a substituição da antiga páscoa, pelo “Cordeiro que tira o pecado do mundo”.

Ao dizer sobre o pão dado aos discípulos “*Isto é o meu Corpo*” (Mc 14), Jesus faz do pão, sacramento da sua entrega na cruz. O Cristo se entrega aos discípulos maravilhados, mostrando-lhes que a salvação não vem da memória do passado através de ritos sacrificiais, mas da *entrega real* da sua vida, do amor levado até as últimas conseqüências. Com tal gesto, Cristo interpreta e dá sentido messiânico à sua morte como consumação da ação libertadora de Deus, comemorada na Páscoa judia. Ao mesmo tempo convida os discípulos à comunhão com ele, no seu sacrifício de ação de graças. “O pão que partimos não é a comunhão do Corpo de Cristo?” (1Cor 10,16).

O gesto e as palavras sobre o cálice esclarecem ainda mais o sentido que Jesus quer dar à própria morte e à comunhão dos discípulos na sua ação de graças. Beber do cálice é acolher com gratidão a ação divina da salvação, que faz nascer a nova aliança, selada com o San-

gue do Cristo, derramado para a “expição dos pecados” de todo o povo. Expição, também, pelo pecado da rejeição do Messias<sup>7</sup>.

### ***Tôdâ, berakâ, eucaristia***

A densidade de significação das palavras e dos gestos de Jesus na Ceia, se torna patente quando os textos do NT são lidos no interior da tradição anafórica da Igreja e na continuidade da tradição judaica da *berakâ*. Esta riqueza de conteúdo justifica a conclusão de C. Giraudo de que tanto o gesto de Jesus, como as anáforas cristãs a que ele dá origem, não podem ser explicados apenas como evolução de uma determinada fórmula de ação de graças, concretamente da *Birkat ha-mazon*, mas implicam todo o desenvolvimento da *berakâ*, que recolhe elementos oracionais de sua antecedente a *tôdâ*. Na *tôdâ*, o memorial agradecido dos dons de Deus no contexto da Aliança, a confissão ou proclamação da ação libertadora de Deus, se tornam confissão também das infidelidades do povo à Aliança e confissão da misericórdia divina, que permanece fiel à sua Aliança, acrescentando a tantos outros o dom do perdão<sup>8</sup>.

### ***Eucaristia eclesial e ação de graças de Jesus na Ceia***

Para cumprir o mandato de fazer “em sua memória” o que Jesus fez, a Igreja “dá graças”, *eukharistei*, partindo o pão e bebendo o cálice da Aliança. A eucaristia da Igreja não pode ser mera repetição do gesto de Jesus, singular e irreiterável. Lutero enfatizou bem isto, apoiando-se no testemunho da carta aos Hebreus: “Fomos santificados pela oblação do Corpo de Jesus Cristo, efetuada de uma vez por todas” (10,10).

É a análise da Tradição litúrgica, confrontada com o Novo Testamento, que nos permite compreender a “eucaristia” da Igreja. Nessa tradição se inspira a teologia eucarística dos Pais da Igreja.

No segundo milênio do cristianismo, sobretudo a partir das controvérsias, originadas por Berenger, sobre a presença real de Cristo na Eucaristia, e, ainda mais depois da Reforma, em que entra em cena a discussão da relação da eucaristia com o único e irreiterável sacrifício de Cristo, a teologia se afasta cada vez mais da reflexão sobre a própria tradição litúrgica e se desenvolve a partir dos conceitos abstratos de “presença real” e de “sacrifício”, até o ponto de ter sido possível afirmar que essa teologia é uma teologia *sobre* a eucaristia mas não uma teologia da eucaristia<sup>9</sup>.

<sup>7</sup> Cf. R. PESCH, *Il vangelo di Marco*, II, Brescia: Paideia, 1982, pp. 524-537.

<sup>8</sup> Cf. a tese de C. GIRAUDDO, *La struttura letteraria della preghiera eucaristica*, Roma: Pontificio Istituto Biblico, 1989; idem, *Eucaristia per la Chiesa. Prospettive teologiche sull'eucaristia a partire dalla "lex orandi"*, Roma, GUP / Morcelliana, 1989.

<sup>9</sup> A afirmação é de L. BOUYER, *Eucharistie: Theologie et Spiritualité de la Prière eucharistique*, Paris: Desclée, 1966, p.11.

Por outro lado, a redução da riqueza anafórica da Igreja ocidental ao modelo único do *Cânon Romano* (sendo pronunciado em latim e em segredo, e, portanto, desconhecido pela maioria dos cristãos) estreitou ainda mais a compreensão da eucaristia.

A renovação conciliar, com as novas orações eucarísticas, que recuperaram muitas das riquezas da tradição anafórica oriental, está mudando a situação. Contudo, uma vez que esses elementos foram estruturados tendo como modelo o Cânon Romano e a teologia da eucaristia que vigorou durante séculos, não permitiu a muitos superar a visão da eucaristia segundo a qual o essencial é a transformação do pão e do vinho no Corpo e Sangue de Cristo, em virtude das palavras da “consagração” pronunciadas pelo “celebrante”, que recebeu esse poder e assim poder receber o Cristo na comunhão.

A dinâmica oracional da anáfora, que envolve a assembléia toda como “sujeito da celebração”, numa oblação de ação de graças que envolve a comunhão do sacramento do Corpo de Cristo entregue na cruz e do seu Sangue derramado, não é vivenciada suficientemente. Comungar não é simplesmente “receber o Cristo” ou “unir-se a Cristo”. Isto se realiza de outras muitas formas, porque há outras muitas formas de presença real de Cristo na comunidade dos fieis, embora todas elas tenham como fonte a doação pascal de Cristo na Ceia. Comungar é entrar em comunhão com o Senhor sob o sacramento da sua morte redentora.

A volta clamorosa da missa espetáculo para multidões, com o acentuado protagonismo “clerical” daquele que preside pode ser um indício disto. Por isso – como foi dito no começo do artigo – o contato direto com as anáforas dos primeiros séculos é um exercício necessário para superar o estreitamento na compreensão da eucaristia causado por uma catequese multissecular monotemática. As mentalidades não se mudam apenas com idéias ou explicações teológicas, que serão recebidas como uma opinião entre outras. O confronto com testemunhos da tradição viva da Igreja é um caminho que deve ser percorrido, se quisermos respeitar a estrutura da gênese da fé cristã, que nos é dada por Deus, em Cristo.

### ***Uma ação de graças inspirada nas homilias pascais do século II***

A anáfora da *Tradição apostólica*, dada a sua simplicidade, é um bom começo para esse confronto. Ela se apresenta como uma oração *ação de graças*, na linha da tradição da *berakâ* judaica e da ação de graças de Jesus. O motivo da ação de graças é a ação salvífica realizada por Deus em Jesus, através da sua morte e da sua ressurreição. Hipólito se inspira nas homilias pascais do século segundo. Nelas o

mistério pascal é considerado em toda sua amplitude: é o mistério do Filho eterno, “a Palavra inseparável” do Pai, pela qual Deus criou o mundo, “enviada do céu ao seio de uma Virgem”, “nascida do Espírito e da Virgem, que para cumprir a vontade do Pai estende as suas mãos na hora da paixão, para libertar da paixão” os que crêem em Deus. Como se vê, o mistério da redenção é inserido no mistério da criação, através da Palavra eterna.

A oração é dirigida ao Pai. O centro da ação de graças é o mistério do Cristo, que expressado de forma simples e sintética aparece na sua integridade: como mistério do amor de Deus que “envia” o Filho para a restauração da Criação, através do Espírito Santo. Esta ação de graças pelo mistério da encarnação, nascimento, vida e morte do Cristo desabrocha na ação de graças pelo dom da Eucaristia na Ceia. Cristo levou a termo o desígnio do Pai, entregando aos discípulos o sacramento do seu Corpo e seu Sangue. A “livre aceitação da paixão” que a violência humana lhe impõe leva a termo a ação redentora “destruindo a morte, quebrando as cadeias do diabo, calcando aos pés o inferno, iluminando os justos, fixando um limite à morte e manifestando a ressurreição”.

### ***O relato da instituição, fundamento cristológico do sacrifício da Igreja***

É neste momento, na anamnese do mistério pascal do Cristo, dirigida ao Pai, em atitude de ação de graças e de louvor, que se introduz muito naturalmente o relato da “instituição” ou narrativa do que Jesus fez na ceia, que inclui o mandato da reiteração do gesto “em sua memória”, como motivo expressado ao Pai, da ação litúrgica da Igreja.

### ***O exercício do sacerdócio dos fiéis: a oferenda ou sacrifício de louvor da Igreja***

“Por isso”, prossegue a oração, “celebrando (ou: ao celebrar a memória da sua morte e ressurreição) nós te oferecemos o pão e o cálice, dando-te graças porque nos consideraste dignos de estar diante de ti e de servir-te”. A expressão “nos consideraste dignos de estar diante de ti e de servir-te”, é uma clara alusão à eleição divina para o serviço sacerdotal que deita suas raízes no Antigo Testamento. Em Dt 10, 8, se lê: “Naquele tempo, o Senhor escolheu a tribo de Levi para carregar a arca da aliança do Senhor *e estar na sua presença para servir e para abençoar*”. Em 2Cr 29,11: “Agora, meus filhos, não vos recuseis, pois foi a vós que o Senhor escolheu *para estardes em sua presença, para servi-lo*, para serdes seus ministros e para oferecer-lhe o incenso”.

A expressão se refere à assembléia toda que, presidida pelo Bispo, celebra a Eucaristia, constituída em Cristo como povo sacerdotal<sup>10</sup>.

Na linha da tradição da *beraká* judaica, a ação de graças é a oferenda da Igreja, o sacrifício de ação de graças. Isto se torna possível pela mediação da ceia, pelo mandato do Cristo aos discípulos de fazerem o que ele fez.

### ***...acolhendo com gratidão o sacrifício de Cristo***

Mas a oblação da santa Igreja, que ela realiza por mandato de Cristo, não pode ser uma oferenda que acrescenta qualquer coisa ao único sacrifício aceito por Deus, o sacrifício de ação de graças do Senhor, oferecido na Ceia e consumado no Calvário, uma vez por todas, pondo fim a todos os sacrifícios de derramamento de Sangue: o sacrifício caracterizado em Hb 10,8-10 com estas palavras: «Tu não quiseste nem te agradaram vítimas, oferendas, holocaustos, sacrifícios pelo pecado» – coisas oferecidas segundo a Lei – ele acrescenta: 'Eu vim para fazer a tua vontade'. Com isso, suprime o primeiro sacrifício, para estabelecer o segundo. É graças a esta vontade que somos santificados pela oferenda do Corpo de Jesus Cristo, realizada uma vez por todas». Em 10,14-18, prossegue-se: «De fato, com esta única oferenda, levou à perfeição definitiva os que ele santifica. É isto que também nos atesta o Espírito Santo, porque, depois de ter dito: 'Eis a aliança que farei com eles, depois daqueles dias' o Senhor declara: 'Pondo as minhas leis nos seus corações e inscrevendo-as na sua mente, não me lembrarei mais dos seus pecados, nem das suas iniquidades'. Ora, onde existe o perdão, já não se faz oferenda pelo pecado».

Em Hb 13,15, se lê: “Por meio de Jesus, ofereçamos a Deus um perene sacrifício de louvor, isto é, o fruto dos lábios que celebram o seu nome”. E em 10,13, “Nós temos um altar do qual não se podem alimentar os que servem à Tenda. Porque os corpos dos animais, cujo Sangue o sumo sacerdote leva ao santuário para a expiação do pecado, são queimados fora do acampamento. Por isso, também Jesus sofreu do lado de fora da porta, para santificar o povo pelo seu próprio Sangue. Vamos, portanto, sair ao seu encontro, fora do acampamento, carregando a sua humilhação”.

A eucaristia é esse sacrifício de louvor, de ação de graças, no qual a Igreja acolhe agradecida o dom do único sacrifício de Cristo, pela comunhão do seu Corpo e do seu Sangue, que torna toda a vida cristã uma vida modelada e impulsionada por Cristo: cheia de boas ações

---

<sup>10</sup> Cf. E. MAZZA, *Le odierne preghiere Eucaristiche. 1/ Struttura, teologia, Fonti*. Bologna: EDB, 19912, p. 210-216.

que dele procedem e em comunhão com os irmãos. “Não vos esqueçais das boas ações e da comunhão, pois estes são os sacrifícios que agradam a Deus”, prossegue a carta aos Hb em 10,16.

### ***... como dom do Espírito***

Isto só pode realizar-se pela ação do Espírito de Deus. Por isso a Anáfora da *Tradição apostólica*, após a oferenda do sacrifício de ação de graças, invoca a ação do Espírito sobre a oferenda da Igreja, pedindo que ela seja congregada na unidade e que todos os “seus santos” que a recebem sejam confirmados na fé e na verdade e assim possam levar a cabo o louvor e a glorificação do Pai, por Jesus Cristo, por quem é dada toda glória e honra ao Pai com o Espírito Santo.

Apesar da construção literária um tanto complexa, esta parte epiclética da anáfora contém uma teologia riquíssima, em perfeita consonância com o dado bíblico, da gratuidade da redenção em Cristo e da unicidade do seu sacrifício redentor.

A Igreja pode oferecer o sacrifício de ação de graças, graças à comunhão com a oblação do Cristo (“dai a todos os santos que a recebem”) e em união com o seu perfeito louvor. Como *dom* gratuito de Deus. Para isso, é invocado o Espírito sobre a oferenda da Igreja, que não pode ser outra que a acolhida agradecida do dom do Corpo e do Sangue do Cristo, mercê da sua oblação na ceia: “Tomai e comei”... “Tomai e bebei...”.

### ***...pela comunhão do Corpo e Sangue do Cristo***

A anáfora da *Tradição apostólica* mostra, de forma muito clara, que se trata de uma oração dirigida ao Pai, por Jesus Cristo, em nome da assembléia. Oração, ao mesmo tempo, de ação de graças e de súplica ou invocação do Espírito sobre a oferenda, que é a própria ação de graças pelo Mistério pascal do Cristo, dado por ele à Igreja no sacramento do seu Corpo e do seu Sangue sob as espécies do pão e do vinho. Esta anáfora mostra de forma inequívoca a unidade da oração eucarística e a sua união inseparável com a comunhão. A anáfora sem a comunhão perde o seu sentido. Evidentemente trata-se da comunhão da assembléia, em cujo nome a anáfora é pronunciada por aquele que preside.

Ao mesmo tempo, a anáfora pressupõe a liturgia da Palavra, porque ela é sempre resposta à gratuita ação salvífica de Deus que deve ser proclamada e acolhida pela assembléia.

Para um fiel da Igreja romana ocidental, acostumado a separar quase de forma cartesiana a invocação do Espírito para a transforma-

ção do pão e do vinho no Corpo e Sangue do Cristo, da invocação do Espírito sobre a assembléia, e ainda a pensar que as palavras do presidente que repetem as palavras do Cristo na ceia, são as que têm o poder de transformar, naquele preciso momento, o pão e o vinho no sacramento do Corpo e do Sangue do Cristo, a anáfora de Hipólito pode causar estranheza. Compreende-se por quê, ao adaptá-la à liturgia romana, a epiclese foi desdobrada separando literariamente a invocação do Espírito para a transformação dos dons, da invocação do Espírito sobre os comungantes.

Na anáfora da *Tradição apostólica*, o Espírito é invocado de forma unitária sobre a oferenda da Igreja, que é toda a ação litúrgica e implica a comunhão da assembléia e o seu efeito unificador e santificador. É a comunhão do pão da vida e do vinho da salvação que constitui a assembléia como Corpo de Cristo.

Isso tem algumas vantagens. Mostra a unidade da ação litúrgica. Põe em evidência que *toda a anáfora é consecratória* e que a ação salvífica de Deus – a transformação da comunidade pela comunhão do Corpo e do Sangue do Cristo e, portanto, também a transformação do pão e do vinho aí implicada – é unicamente obra de Deus. Ela deve ser suplicada. Não pode ser mero resultado de uma fórmula quase-mágica dos lábios humanos daquele que preside.

### ***...na linha da Tradição dos Pais***

Para os Pais da Igreja, a conversão do pão e do vinho no sacramento do Corpo e do Sangue de Cristo tem lugar durante a oração eucarística, considerada na sua unidade, que contém geralmente uma invocação explícita do Espírito Santo sobre a assembléia e sobre os dons e o relato da instituição, embora em algumas orações só de forma indireta se alude à Ceia. É o Espírito Santo, que em virtude das palavras de Jesus, realiza a conversão dos dons para que a assembléia, pela comunhão, se torne o Corpo de Cristo.

Cirilo de Jerusalém nas *Catequeses Mistagógicas* dá a razão desta súplica e da sua eficácia: “tudo quanto o Espírito toca fica santificado” (V, 7). Teodoro de Mopsuéstia mostra que o fundamento da confiança da Igreja nesta invocação do Espírito está na instituição de Cristo, “que não disse: Isto é o símbolo de minha carne, mas: Isto é meu Corpo...ensinando-nos que não devemos considerar a natureza do que se oferece, mas que pela intervenção da ação de graças, acontece a conversão no Corpo e no Sangue”<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> CIRILO DE JERUSALÉM, *In Mat. Hom.* = PG 66, 714. O grifado é meu: a conversão é atribuída à “ação de graças”, ou seja à oração eucarística.

## ***Um equívoco que reduz a fórmula consecratória: uma opinião teológica erigida em regra de fé***

É preciso chegar ao século XII para que a tendência a concentrar o poder consecratório da oração eucarística se radicalize, a partir de uma interpretação de Pedro Lombardo de afirmações de Santo Ambrósio, tiradas do seu contexto.

Ambrósio, apresentando aos neófitos o Cânon Romano, quer mostrar-lhes a origem divina dos sacramentos e fundamentar a fé de que o pão e o vinho, após a consagração, são o Corpo e o Sangue de Cristo *na eficácia das palavras do Senhor*, que o sacerdote pronuncia no relato da instituição. “É a Palavra de Cristo que produz o sacramento”, afirma<sup>12</sup>. A ênfase de Ambrósio está no poder da palavra de Cristo, uma “palavra celeste”, “que criou os céus e a terra” e que, portanto, pode transformar o pão no seu Corpo. A partir de Pedro Lombardo a ênfase é deslocada para *a eficácia das palavras do sacerdote* que seriam por ele pronunciadas *in persona Christi*.<sup>13</sup> O prestígio teológico de Santo Tomás ajudaria mais tarde a divulgar esta opinião.

## ***O testemunho unânime da tradição litúrgica***

A unidade da oração eucarística não é uma peculiaridade da anáfora da *Tradição apostólica*. Ela permanece em todas as anáforas e no Cânon Romano, embora possa, às vezes, ficar obscurecida pela forma como são recitadas. Conforme a estrutura literária dos textos anafóricos, em nenhum momento da oração o presidente deixa de dirigir-se ao Pai, em nome da assembléia, para dirigir-se a esta em nome de Cristo ou *in persona Christi*. O relato da instituição está dentro da oração dirigida ao Pai, como motivação da súplica da assembléia. Pede-se ao Pai que envie o seu Espírito sobre a oferenda da Igreja, *porque* Jesus, na noite em que ia ser entregue...

Na anáfora transmitida por Hipólito, a unidade aparece mais clara devido à sua simplicidade. Há uma tendência na liturgia – tendência herdada dos judeus – à ampliação dos formulários de oração. Podemos ver isto na anáfora de São Basílio. Ela reflete mais o culto da sinagoga, enquanto que a da *Tradição apostólica* teria seus antecedentes com preferência na estrutura da liturgia doméstica. Isto aparece, por exemplo, na presença ou ausência do Santo.

<sup>12</sup> AMBRÓSIO, *Os sacramentos e os Mistérios*, IV, 14, Petrópolis: Vozes, 1972, p. 50.

<sup>13</sup> Pode ver-se este tema mais desenvolvido em meu artigo “Espírito Santo, Eucaristia e unidade eclesial”, *Perspectiva Teológica* XXX / nº 82 (1998) 380-382.

## **Anáfora de São Basílio — recensão Alexandrina**

- = O Senhor esteja com todos vós. – E com o teu espírito.
- = Corações ao alto. – O nosso coração está no Senhor.
- = Demos graças ao Senhor. – É digno e justo.

Digno e justo, digno e justo, verdadeiramente é digno e justo.

Soberano Senhor, Deus da verdade, que existes antes dos séculos e reinas pelos séculos, que habitas nas alturas, e cuidas das coisas pequenas, que fizeste o céu, a terra, e o mar e quanto neles existe: Pai do Senhor e Deus e Salvador nosso Jesus Cristo; por quem fizeste tudo, o visível e o invisível; que estás sentado no trono da tua santa glória, que és adorado por todos os santos poderes.

**Diácono:** Os que estais sentados, levantai-vos.

A quem servem os anjos e os arcanjos, os principados e as potestades, os tronos, as dominações e as virtudes.

**Diácono:** Olhai para o oriente.

Ao teu redor estão os querubins, de muitos olhos, e os serafins de seis asas, cantando continuamente hinos, e clamando e dizendo:

Santo, santo, santo, Senhor *Sabaoth* etc.

Santo, santo, santo és, na verdade, Senhor, nosso Deus, que nos modelaste e nos puseste no paraíso de delícias. E quando ao violar teus mandamentos, pelo engano da serpente, afastamo-nos da vida eterna, e fomos desterrados do paraíso de delícias, não nos abandonaste até o fim, antes, pelo contrário, continuamente nos apascentaste por teus santos profetas. E, nestes últimos dias, te manifestaste a nós, que estávamos submersos nas trevas e nas sombras da morte, por meio do teu Filho unigênito, Senhor e Deus e Salvador nosso, Jesus Cristo; o qual encarnando-se e fazendo-se homem do Espírito Santo e da Santa Virgem Maria, mostrou-nos os caminhos da salvação, concedendo-nos a regeneração do alto pela água e pelo Espírito, e fez de nós povo escolhido para si, santificou-nos no Espírito Santo. Aquele que tinha amado os seus que estavam no mundo, entregou-se a si mesmo, como redenção (avnti, lutron, *antilytron*), à morte, que reinava sobre nós, à qual estávamos submetidos, traídos pelo pecado. E descendo pela cruz ao Hades, ressuscitou dos mortos ao terceiro dia, e, subindo aos céus, está sentado à tua direita, Pai, fixando o dia da recompensa, no qual, manifestando-se, julgará o mundo na justiça e retribuirá a cada um segundo seu agir (pra, xij, *práxis*).

**Povo:** Segundo a tua misericórdia, Senhor, e não segundo os nossos pecados.

Deixou-nos este grande mistério de piedade. Pois (γα, ρ, *gár*) quando estava para ser entregue a si mesmo à morte para a vida do mundo.

**Povo:** Cremos

Tomou o pão nas suas santas, imaculadas e bem-aventuradas mãos, e olhando no mais alto dos céus a ti, seu Pai, nosso Deus e Deus do universo, deu graças (euvcaristh, saj, *eucharistéssas*).

**Povo:** Amém.

Abençoou (euvlogh, saj, *euloguéssas*)

**Povo:** Amém.

Santificou. (a`gia, saj, *haguiássas*).

**Povo:** Amém.

Partiu e deu a seus santos discípulos e apóstolos, dizendo: Tomai e comei. Isto é o meu Corpo por vós e por todos (pollw/n, *pollôn*) partido (klw, menon, *clômenon*.) e dado, para o perdão dos pecados. Fazei isto em memória de mim. Do mesmo modo, o cálice, após a ceia, tendo misturado vinho e água, deu graças (euvcaristh, saj, *eucharistéssas*).

**Povo:** Amém.

Abençoou (euvlogh, saj, *euloguéssas*).

**Povo:** Amém.

Santificou (a`gia, saj, *haguiássas*).

**Povo:** Amém.

Provando-o, deu de novo aos seus santos discípulos e apóstolos, dizendo: Tomai e bebei dele todos (pa, ntej, *pântes*). Este é meu Sangue da nova aliança, por vós e por todos (pollw/n, *pollôn*) derramado para o perdão dos pecados. Fazei isto em minha memória. Porque todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, anunciais minha morte e confessais minha ressurreição e minha ascensão até que eu venha.

**Povo:** Amém. Amém. Anunciamos, Senhor, a tua morte, e confessamos tua santa ressurreição e ascensão.

Celebrando, pois, também nós, o memorial (memnhme, noi, *memneménoi*) de sua santa paixão e ressurreição dos mortos, e da sua ascensão e exaltação à tua direita, Pai e Deus, e da sua gloriosa e tremenda segunda vinda, oferecemos-te o que é teu, dos teus dons, por todos e através de todas as coisas e em todas as coisas.

**Povo:** Louvamos-te, bendizemos-te (graças te damos, Senhor, e te rogamos, nosso Deus)

**Diácono:** Inclinaí-vos perante Deus com reverência.

*(Em voz baixa)* Rogamos-te e pedimos-te, amante dos homens, bom Senhor, nós pecadores e indignos servos teus, e te adoramos pela benevolência da tua bondade: que venha o Espírito Santo sobre nós teus servos, e sobre estes teus dons apresentados, e santifique e os manifeste santos entre as realidades santas (avnadei/xai a[glia a`gi,wn, anadéixai háguia haguíon).

**Diácono:** Escutemos.

**Povo:** Amém.

E faça que este pão seja o Corpo santo do mesmo Senhor, Deus e salvador nosso, Jesus Cristo, para perdão dos pecados e para a vida eterna de todos os que o partilhem.

**Povo:** Amém.

E este cálice, o Sangue precioso da nova aliança, do mesmo Senhor, e Deus, e salvador nosso Jesus Cristo, para perdão dos pecados e para a vida eterna de todos os que o partilhem.

**Povo:** Amém. *Kyrie eleison. Kyrie eleison. Kyrie eleison.*

E julga-nos dignos, soberano Senhor, de comungar em teus santos mistérios, para santificação de nossa alma, de nosso Corpo, e de nosso espírito; para que cheguemos a ser um Corpo e um espírito; e alcançemos a partilha da herança com todos os santos que, no decorrer dos séculos, te agradaram.

*(Seguem - muito desenvolvidas - as intercessões pela Igreja, pelo Patriarca de Alexandria, pelos Bispos, presbíteros, diáconos, pela cidade, pelos frutos da terra, os pobres, as viúvas, os órfãos... Aqui as omitimos por razões de espaço. A seguir se faz a memória dos santos)*

E posto que temos um mandamento do teu Filho unigênito, de entrarmos em comunhão com a memória dos teus santos, digna-te também recordar-te, Senhor, daqueles que te agradaram quando estavam neste mundo; dos santos pais, dos patriarcas, dos apóstolos, dos profetas, dos pregadores, dos evangelistas, dos mártires, dos confessores e de todo espírito justo que na fé do Cristo alcançou a perfeição. Em particular recorda-te da santíssima, gloriosíssima, imaculada, cumulada de bênçãos, nossa Senhora Mãe de Deus e sempre virgem Maria; do teu santo glorioso profeta, precursor, batista e mártir João ...

*(Segue a menção de outros santos, e do santo do dia)*

*(O diácono lê os dípticos. O sacerdote diz em segredo):*

Lembra-te também, Senhor, de todos os pertencentes à ordem sacerdotal que já adormeceram, e daqueles que viveram no estado de leigos; digna-te dar o descanso às almas de todos os que estavam no

seio do nossos santos pais Abraão, Isaac e Jacó; leva-os e reúne-os, num lugar verdejante, junto às águas do repouso, no paraíso de delícias, de onde fugiu a dor, a tristeza, o pranto, no esplendor dos teus santos.

Após os díptico o sacerdote diz:

Àqueles cujas almas recebestes, dá ali o descanso e julga-os dignos do reino dos céus; e a nós, os que ainda habitamos aqui, conserva-nos na tua fé e guia-nos a teu Reino concedendo-nos continuamente tua paz; para **que nisto, como em tudo, seja glorificado, e exaltado, e louvado, e bendito, e santificado o teu glorioso e bendito Nome, com Jesus Cristo e o Espírito Santo.**

**Povo:** Como era é e será de geração em geração e pelos séculos dos séculos. Amém.

### ***O relato da instituição coroamento da anamnese dos dons de Deus***

A estrutura da anáfora de Basílio é a mesma que a da *Tradição apostólica*. O relato da instituição está na seção anamnética, como coroação da memória da ação salvífica de Deus em favor do seu povo. Esta ação de graças pelos dons de Deus está muito mais desenvolvida. O designio eterno da Criação de todas as coisas em Cristo é solenemente proclamado como início da história da salvação. E a contemplação da glória eterna e celeste de Deus é o primeiro motivo de louvor que propicia a introdução do hino angélico, o Santo, como canto da assembléia.

### ***Sacramento da piedade divina: memorial da paixão salvadora***

Após o canto da assembléia, retoma-se a anamnese dos dons de Deus com a expressão *verdadeiramente Santo*, comum a muitas outras anáforas. Começa-se por recordar e agradecer a criação do ser humano. Seguindo a tradição da *Tôdâ* judaica, a lembrança da queda, acrescenta à confissão dos dons divinos, a confissão do pecado, que se torna ocasião para uma manifestação mais plena do amor de Deus na ação redentora de Jesus Cristo, morto, ressuscitado e exaltado à direita do Pai, que virá julgar o mundo com justiça e “retribuirá a cada um segundo o seu agir”. Esta última frase suscita uma aclamação do povo que reflete os antecedentes da eucaristia na *tôdâ*: “Segundo a tua misericórdia e não segundo os nossos pecados”. Cria-se assim o clima para a afirmação do sacerdote que se segue: “Deixou-nos este grande mistério de piedade”: *to. me,ga th/j euvsebei,aj muste,rion (to mega tes eussebeias mystérion)*.

Como se sabe a palavra grega *mysterion*, *muste, rion*, equivale à latina *sacramentum*, *sacramento*, sinal, memorial: a própria ação litúrgica que está sendo celebrada<sup>14</sup>. Na recensão bizantina da anáfora de São Basílio se lê: “Deixou-nos este memorial da sua paixão salvadora (u`ponh,mata tou/ swthri,ou autou/ pa,qouj, *hyponêmata tu soteriu autu pathus*) que temos apresentado segundo o seu mandamento”<sup>15</sup>.

A eucaristia é o grande sacramento da piedade de Deus, o memorial da paixão salvadora. E a Igreja celebra este memorial porque (γα, ρ, *gár*) Jesus “quando estava para ser entregue a si mesmo à morte”... Introduce assim o relato da Instituição. Como na anáfora da *Tradição apostólica* o relato é apresentado como o fundamento cristológico da ação da Igreja.

### ***Lugar teológico escriturístico ou fundamento cristológico do sacrifício de ação de graças eclesial***

Graças aos estudos das origens judaicas das orações eucarísticas hoje podemos com toda segurança afirmar que o relato da instituição, no interior de uma súplica, citando a Escritura, é um procedimento comum na *berakâ* e no seu antecedente a *tôdâ*, a modo de embolismo, como *locus theologicus* escriturístico do mistério de que se faz memória<sup>16</sup>.

Como exemplo simples de embolismo no interior de uma súplica veja-se esse na oração de Jacó, em Gn 32, 10-13.

<sup>10</sup> Deus de meu pai Abraão, Deus de meu pai Isaac, Senhor, tu que me disseste:

*Regressa para tua terra e tua parentela e eu te farei bem,*

<sup>11</sup> sou pequeno demais para todos os favores e toda a fidelidade que dispensaste a teu servo!

<sup>12</sup> Pois eu havia passado o Jordão só com o meu bastão e agora formo dois acampamentos.

Eu te peço, salva-me da mão de meu irmão, da mão de Esaú, pois tenho medo dele.

Tenho medo de que ele venha matar a mim e aos meus, a mãe com os filhos.

<sup>13</sup> Mas tu, tu me disseste:

*Quero fazer-te bem, e multiplicarei a tua descendência como a areia do mar, que não se consegue contar, tamanha é sua quantidade!*

<sup>14</sup> Cf. C. GIRAUDO, *Eucaristia...*, *Op. cit.*, p. 435.

<sup>15</sup> Cf. A. HÄNGGI / I. PAHL, *Præx eucharistica*. Textus e variis liturgiis antiquioribus selecti, Fribourg Suisse: Universitaires, 1968, p. 234. Esta frase mostra que o próprio memorial é a oferenda apresentada.

<sup>16</sup> Cf. a tese de C. GIRAUDO, *La struttura letteraria della preghiera eucaristica*, Roma: Pontificio Istituto Biblico, 1989, especialmente às pp. 236-359.

Na primeira parte da oração, a confissão dos dons de Deus, cita-se Gn 31,3 (*Regressa...*), a modo de embolismo, na segunda parte, de súplica, cita-se Gn 28,13-15 (*Quero fazer...*)<sup>17</sup>.

Conforme esta técnica embolística, pode-se afirmar que a citação do relato da instituição é a fundamentação cristológica da celebração eclesial do memorial da paixão salvífica de Cristo: apresentado pela Igreja como oferenda, o sacrifício de ação de graças implica a súplica feita ao Pai para que envie o seu Espírito sobre a assembléia e sobre os dons.

### ***Oferenda que é dom recebido em pura gratuidade***

Por isso após o relato da instituição e do mandato do Cristo de celebrar o memorial da sua entrega voluntária pela salvação da humanidade com o gesto da ceia, ou seja, recebendo dele o pão e o vinho transformados em sacramento do seu Corpo e do seu Sangue, a anáfora explícita o seu caráter de oferenda, ou sacrifício de ação de graças, precisamente enquanto é memorial do sacrifício de Cristo. “Celebrando, pois, o memorial (*memnhme, noi, memnemeno*), também nós, de sua santa paixão...oferecemos-te o que é teu dos teus dons...”. A expressão “*também nós*” (*kai. h`mei/j, kái hemeis*) mostra que a Igreja faz o memorial da paixão e ressurreição do Senhor em virtude do sacrifício de ação de graças realizado por Cristo na ceia e obedecendo ao seu mandato.

### ***...e deve, por isso, ser suplicado, como fruto da ação do Espírito, numa epiclese “cruzada”***

Celebrar o memorial da paixão salvadora, porém, supõe acolher o dom do Cristo na ceia, ou seja, a entrega da sua vida para a salvação do mundo, através da comunhão do seu Corpo e do seu Sangue. Isto só pode ser fruto da ação de Deus. Por isso o memorial deve ser ao mesmo tempo invocação para que Deus envie seu Espírito e ele torne agradável a Deus a oferenda da Igreja. A anamnese se faz epiclese. A invocação do Espírito sobre a oferenda da Igreja inclui sempre duas súplicas, que se implicam mutuamente: a transformação do pão e do vinho em sacramento e Sangue do Senhor e a transformação dos que recebem o sacramento do Corpo e do Sangue na comunhão. A primeira vai dirigida à segunda. Celebrar a eucaristia apenas para que Deus transforme o pão e o vinho no sacramento do Corpo e do Sangue do Cristo e assim poder adorá-lo seria um contra-senso. Certas práticas da Igreja na época da Reforma poderiam dar essa impressão e suscitaram o protesto dos reformadores.

<sup>17</sup> Este é apenas um exemplo entre outros, analisado por C. GIRAUDO, *Eucharistia...*, *Op. cit.*, p. 313.

A anáfora de Basílio mostra muito bem a implicação recíproca destas duas dimensões da epiclese que se cruzam em forma de *chi* (a letra grega C): começa-se invocando o Espírito sobre a assembléia e sobre os dons. Depois se invoca o espírito sobre os dons (o pão e o vinho separadamente) e conclui-se com a invocação sobre a assembléia.

Já na primeira parte se dá outro cruzamento muito interessante. Pede-se que venha o Espírito sobre os dons e sobre a assembléia para que santifique os dons e os “manifeste santos” à assembléia, ou seja, para que suscite a fé dos que celebram, que por serem pecadores, não poderiam sem a graça reconhecê-los como sacramento do Corpo e do Sangue do Cristo. A assembléia faz sua esta súplica respondendo: Amém.

A invocação se explicita com relação ao pão: pedindo-se que seja o Corpo santo do salvador, para o perdão dos pecados e para a vida eterna de todos os que o partilham. Após o amém da assembléia, faz-se uma súplica semelhante sobre o cálice.

Termina-se com a súplica sobre a assembléia, para que o Senhor a julgue digna de comungar os santos mistérios, para a santificação da alma e do corpo e do espírito, e para chegar a ser um só corpo e um só espírito e alcançar a herança eterna com todos os santos.

### ***...que se prolonga nas intercessões***

A epiclese se prolonga nas intercessões. O começo destas, “lembra-te Senhor de tua santa, única, católica Igreja, e concede a paz àquela que adquiriste com o precioso Sangue do teu Cristo”, mostra claramente como as intercessões são prolongação da epiclese, que por sua vez, está intimamente unida ao memorial da ação divina da salvação. A Igreja lembra a Deus, com louvor e gratidão, os seus dons, pedindo que ele continue a lembrar-se do povo que é seu em virtude desses dons gratuitos e que, portanto, nunca podem ser apropriados como algo do homem, mas devem continuamente ser recebidos na permanência dessa ação divina salvadora.

### ***... e se conclui com uma doxologia epiclética***

Por fim a anáfora – depois de lembrar a comunhão com os santos que já alcançaram a plenitude da salvação na glória do Pai, em virtude da mesma ação divina da qual a Igreja faz o memorial: a virgem Maria, João Batista, os patriarcas, os profetas... os mártires, os confesores – pede a Deus que se lembre de todos os que morreram no Senhor e os reúna com os santos no Reino dos céus. Retoma-se neste momento a súplica da epiclese em favor da assembléia celebrante: “e a nós que ainda estamos aqui como peregrinos, conserva na fé em ti,

e conduze-nos ao teu reino, concedendo-nos a paz em todas as circunstâncias”. A súplica desabrocha muito naturalmente na doxologia final: “para que nisto e em tudo seja glorificado e exaltado, e louvado, e bendito e santificado o teu glorioso e bendito Nome, com Jesus Cristo e o Espírito Santo”. Esta doxologia que com a figura literária da *inclusão* remete ao começo da anáfora, retomando a ação de graças e o louvor, pode ser chamada epiclética, porque está dentro da súplica, mostrando assim que a perfeita glorificação de Deus pela assembléia só pode ser fruto da continuidade da ação divina qual se faz o memorial.

### ***O caráter consecratório ou de santificação (dos dons e da assembléia) de toda a anáfora***

Aparece com clareza meridiana, na anáfora de São Basílio, apesar de sua maior complexidade, a unidade da oração eucarística que já se mostrava na anáfora da Tradição apostólica. Unidade **dinâmica**, que envolve a assembléia no processo transformante da oração, fazendo-a passar do louvor e a glorificação do Pai, através do memorial da sua ação salvífica do passado, em Cristo, à acolhida dessa ação que se torna presente no sacramento do Corpo e do Sangue; acolhida que só pode ser fruto da ação do Espírito, ardentemente suplicado sobre a assembléia e sobre os dons apresentados; dons que não podem ser mais do que o próprio memorial recebido de Cristo e por ele ordenado, através do sacramento do pão e do vinho.

Mas, como a assembléia celebra, presidida pelo bispo ou por seu vigário, em comunhão com todos os bispos, para tornar visível sacramentalmente a presença do Cristo, torna presente a totalidade da Igreja de Cristo, a invocação do Espírito sobre a assembléia se desenvolve naturalmente em súplica por toda a Igreja.

Poder-se-ia mostrar, embora aqui não possamos fazê-lo, porque isto requereria um verdadeiro tratado<sup>18</sup>, que a unidade e a dinâmica oracional que aparece de forma transparente nas duas anáforas analisadas, permanece em todas as outras orações eucarísticas e no Cânon Romano, mesmo quando não apareça de forma tão clara, dada a diversidade de estruturas literárias das anáforas. A leitura, porém, que é feita delas, condicionada por concepções teológicas da eucaristia que não nasceram da própria prática litúrgica, pode ocultá-las. Quando no Concílio Vaticano II se tratou de aprovar a adoção pela Igreja romana da anáfora de São Basílio, uma das objeções apresentadas contra a proposta foi a de que, nela, como em todas as liturgias de tradição sírio-ocidental, a epiclesse para pedir a consagração se encontra depois das palavras sagradas, e não *antes* (como acontece com a oração *Quam*

<sup>18</sup> A obra de C. GIRAUDEO já citada, (*Eucharistia...*), faz isto.

*oblationem no Cânon Romano*). Punha também a dificuldade do momento em que a assembléia faria a adoração do Corpo e Sangue de Cristo, à qual os Padres conciliares, que eram a favor da adoração, respondiam sabiamente que no fim da oração eucarística, para adorar a totalidade do mistério celebrado, sem que isso prejudicasse o momento da transformação do pão e do vinho<sup>19</sup>.

### ***Uma teologia sacramental extrínseca à tradição litúrgica***

Donde provinha aquela objeção? De uma determinada concepção de sacramento que atribui ao ato de pronunciar determinadas palavras a transformação de uma realidade em outra. Na Igreja romana ocidental se atribui a consagração às palavras da instituição, que seriam pronunciadas não em forma de relato do que Jesus fez, mas em forma enunciativa e realizadora do efeito sacramental, *in persona Christi*. Esta teoria de Santo Tomás tornou-se comum na teologia ocidental e na catequese e prevalece até hoje na mentalidade do cristão comum. Ela porém é frontalmente contradita pelos textos litúrgicos recebidos da tradição, nos quais essas palavras estão inseridas no contexto narrativo da instituição realizada por Jesus na ceia, que faz parte por sua vez da oração dirigida ao Pai em nome da assembléia.

A transformação do pão e do vinho não pode ser o efeito de uma palavra humana mas uma graça, um dom, fruto do Espírito, suplicado a Deus, juntamente com a transformação da assembléia em Corpo de Cristo, pela comunhão do sacramento do seu Corpo e do seu Sangue.

A indagação pelo momento em que o pão deixa de ser simplesmente pão, para tornar-se pão da vida, Corpo sacramental do Cristo, só pode nascer de pressupostos estranhos aos dados da tradição litúrgica. À assembléia cabe suplicar o dom de Deus, na certeza de que o Senhor o concederá em virtude das palavras do Cristo na ceia.

A anáfora, na rica dinâmica oracional do mistério que comemora, deve distender-se no tempo, como todo discurso humano. Não se pode dizer tudo no mesmo instante. A ação de Deus não se mede pelo tempo humano. O fato de que a epiclese esteja no fim, nas anáforas que analisamos, corresponde à lógica da própria anáfora e de seus antecedentes judaicos, que começa recordando na ação de graças a salvação graciosamente outorgada por Deus ao povo no seu Filho e invoca, continua invocando o Espírito, para que leve à plenitude essa salvação, santificando a assembléia, através do sacramento deixado por Cristo, que é identicamente o memorial da sua paixão.

---

<sup>19</sup> Cf. E. MAZZA, *Le odierne Preghiere Eucaristiche*, 2. Testi e documenti editi e inediti, Bologna: EDB, 1991, p. 162

## ***A evolução do Cânon romano testemunho de outra concepção de sacramento***

Desde o momento em que os dons são “separados” e postos sobre o altar para dar início à oração eucarística, a totalidade da oração está presente aos olhos de Deus. A ação litúrgica da assembléia se torna integralmente “eucarística”, “sacramento” e “memorial da paixão do Senhor”, pela ação do Espírito, que sustenta a oração e o gesto sacramental da assembléia, feitos para cumprir o mandato do Senhor e em união com Ele. É por isso que a Igreja antiga denominava os dons separados sobre o altar desde o começo da Oração eucarística, “hóstia santa, hóstia imaculada, sacrificio santo” como é o caso do Cânon Romano. E na versão testemunhada por Ambrósio, quando se pede que a oferenda da Igreja (constituída por toda a ação litúrgica) seja aprovada, espiritual<sup>20</sup>, aceita, dá-se como motivação desta súplica, “que ela é a figura do Corpo e do Sangue de nosso Senhor Jesus Cristo”. “Figura” em Ambrósio tem o sentido forte de sacramento, que implica a presença real. Eis o texto de Ambrósio:

*“Concedei-nos ... que esta oferenda seja aprovada, espiritual, aceita, porque ela é a figura do Corpo e do Sangue de nosso Senhor Jesus Cristo.”*

Quer dizer, a assembléia pede a Deus que seja aceita a sua oferenda, apesar da indignidade dos que a oferecem, porque ela é já o sacramento do Corpo e do Sangue do Cristo<sup>21</sup>.

No *Canon Romano* posterior esse trecho da anáfora foi transformado da seguinte forma: “Dignai-vos, ó Pai, tornar esta oferenda bendita, ratificada, aprovada, espiritual, agradável, *a fim* de que se torne para nós o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo, vosso Filho e Senhor nosso”. Há já um pedido explícito da transformação dos dons, provavelmente motivado por uma mudança na teologia sacramental, mas esse pedido está subordinado à súplica pela aceitação da oferenda que inclui toda a ação litúrgica e visa em primeiro lugar os que a celebram.

Como mostra E. Mazza a terminologia mais antiga, testemunhada por Ambrósio e também por um *Post-pridie* da liturgia hispânica<sup>22</sup>, mostra uma teologia do sacramento bem diferente daquela que se tornou comum em ocidente, sobretudo depois da escolástica. A *teolo-*

<sup>20</sup> AMBROSIO, *De sacramentis*, V, 21 = Sources Chrétiennes, 25bis, Paris: 1961, p. 114), citado por E. MAZZA, *Le odierne preghiera eucaristica*, 1. Strutture, Teologia, Fonti. Bologna: Dehoniane, 1991, pp. 151ss. O termo *rationabile*, tradução latina do termo grego λογικη.ν (*loguiken*) de Rm 12,1, tem o sentido bíblico “espiritual”, e não racional como era freqüentemente traduzido.

<sup>21</sup> Cf. E. MAZZA, *Op. cit.*, pp. 153ss.

<sup>22</sup> Ver meu artigo anterior: “Espírito Santo, Eucaristia e Unidade eclesial”, *Perspectiva Teológica* XXX / nº 82 (1998) 369-402.

*gia da mimese ou imitação.* A sacramentalidade da ação é determinada pelo fato de estarmos fazendo, em obediência ao mandato do Senhor, a semelhança, a imagem, a figura do que ele fez na ceia.

### ***A ausência do relato da Instituição na anáfora caldeia dos Apóstolos***

Conforme esta teologia não deve estranhar a ausência do relato da instituição da eucaristia na anáfora antiquíssima que a tradição da Igreja caldeia denomina anáfora dos Apóstolos Adai e Mari<sup>23</sup>. O fundamento da celebração eclesial do sacrifício de ação de graças é o fato de ter recebido do Senhor a *figura* (tûfsâ = τὸ ἰκόν — *typos*), ou seja, o *sacramento*, do grande mistério da paixão.

E nós também (*repete três vezes*) teus frágeis servos, débeis e fracos, que fomos congregados em teu nome e estamos diante de ti agora e recebemos com júbilo a figura que vêm de ti, alegrando-nos, louvando, exaltando e comemorando e celebrando este mistério grande e tremendo, e santo e vivificante e divino da paixão, da morte, da sepultura e da ressurreição do senhor e salvador Jesus Cristo.

(**Diacono:** Permanecei em silêncio cheio de respeito e orai. A Paz conosco)

E venha, Senhor, teu Espírito Santo e desça (*pouse*) sobre esta oblação dos teus servos, e a bendiga, e a santifique, para que seja, para nós, para propiciação das dividas e para remissão dos pecados, para a grande esperança da ressurreição dos mortos e para a vida nova no reino dos céus com todos aqueles que foram agradáveis aos teus olhos.

E por toda tua admirável economia em nosso favor te damos graças e louvamos sem cessar na tua Igreja redimida com o precioso Sangue do teu Cristo, em alta voz e o rosto descoberto.

Se o relato da instituição não está presente de forma explícita, alude-se a ele, enquanto se afirma que o fundamento da ação de graças da Igreja é justamente o mandato do Senhor de celebrar o memorial da paixão que ele nos deixou na ceia. Neste estágio de evolução da anáfora pode-se adivinhar já o lugar natural em que será enxertado facilmente o relato institucional para ilustrar com uma citação explícita da Escritura o fundamento cristológico da ação litúrgica da Igreja já afirmado na oração, com outras palavras<sup>24</sup>.

<sup>23</sup> É a anáfora por excelência de todo o oriente caldeu e malabarenses. Addai e Mari teriam sido discípulos do Apóstolo Tomé. É usada desde tempos imemoriais pelas Igrejas Caldeia e Malabarenses, unidas a Roma, e pela Igreja caldeia ortodoxa.

<sup>24</sup> Cf. C. GIRAUDO, *Eucharistia ...*, *Op. cit.*, p.461.

O relato institucional explicita algo que está presente desde as origens nas orações eucarísticas, mesmo naquelas mais primitivas e ainda muito embrionárias testemunhadas pela Didaqué<sup>25</sup>: A razão teológica do sacrifício de ação de graças da Igreja, ou seja, a oblação que Cristo faz na ceia de seu Corpo e de seu Sangue para deixar aos discípulos o memorial perene da sua morte e da sua ressurreição. A Igreja só pode dar graças recebendo do Cristo esse memorial por ele deixado na Ceia.

### ***A recuperação da dinâmica oracional da anáfora***

A análise que fizemos até aqui de algumas anáforas tinha como finalidade ajudar-nos a encontrar uma teologia da eucaristia que nasça da própria tradição litúrgica. É claro que para ser completa e convincente deveria estender-se aos principais testemunhos da tradição anafórica da Igreja. Isto não pode ser feito nos limites deste artigo, mas é levado em conta nas conclusões que serão tiradas.

Essa nova visão teológica está já presente de alguma forma nas novas orações eucarísticas que retomam muitos elementos da tradição oriental. Mas o cuidado de manter, na sua estrutura literária, a distinção nítida entre epiclesa para a transformação do pão e do vinho e epiclesa para a transformação da assembléia, pode continuar ocultando a unidade da oração e a sua dinâmica sacramental dirigida à transformação escatológica da assembléia. É compreensível que após um milênio de vigência de uma concepção teológica os bispos da Igreja ocidental e as comissões litúrgicas encarregadas da reforma litúrgica, por razões pedagógicas, tivessem o cuidado de manter essa separação na estrutura literária da oração.

Uma atitude ecumênica mais decidida, porém, que tivesse acolhido na igreja ocidental, como quase aconteceu na aula conciliar, a anáfora de São Basílio, e tivesse também mantido na sua estrutura original a anáfora da Tradição Apostólica, tão venerável como o Cânon Romano,<sup>26</sup> teria sido muito benéfica para a Igreja do Ocidente, ajudando a reencontrar uma teologia eucarística mais condizente com a tradição litúrgica. Se essa teologia está presente também nas novas orações eucarísticas, corre o risco de passar despercebida.

### ***Uma explicação para o caso singular do Cânon Romano***

Em toda a tradição anafórica, até o Concílio Vaticano II, a única oração eucarística em que se dava uma separação literária das duas epicleses era o Cânon Romano, se bem que, como foi visto, a súplica

<sup>25</sup> Supondo que elas se refiram à celebração da eucaristia, como é o mais provável.

<sup>26</sup> Esta venerabilidade do Cânon Romano é o que motivou que ele não fosse modificado, a não ser com ligeiros retoques.

da transformação dos dons estava unida e subordinada à súplica pela aceitação da oferenda da Igreja que é a totalidade da ação litúrgica.

Se como é provável a anáfora alexandrina de São Marcos<sup>27</sup> está na origem do Cânon Romano, pode se explicar essa peculiaridade da separação dos dois aspetos da epiclese. Nas anáforas de tradição alexandrina que inserem o relato institucional na seção epiclética, após o *Santo*, retomando o tema da Santidade de Deus recém proclamada, se pede que a santidade de Deus, da qual estão *cheios o céu e a terra, encha* também o sacrifício da Igreja, com a benção que procede do Pai mediante a vinda do seu Espírito. Faz-se assim a passagem, de forma muito natural, da seção anamnética da oração para a seção epiclética. Mas a vinda do Espírito é invocada sobre o sacrifício ou oferenda da Igreja, que é toda a ação litúrgica, e não apenas sobre o pão e o vinho.

Isto deveria ajudar a interpretar na liturgia romana as expressões, dons, oferenda, e outros semelhantes, quando aplicados ao pão e ao vinho. Eles são oferenda enquanto inseridos no conjunto da ação litúrgica, porque a única oferenda da Igreja é o memorial que Cristo nos deixou da sua paixão<sup>28</sup>. Neste contexto, quando as orações eucarísticas atuais pedem que Deus envie o Espírito sobre as oferendas da Igreja, a súplica deve ser referida a toda a ação litúrgica, em função da qual se pede que o pão e o vinho se tornem o sacramento do Corpo e do Sangue do Cristo. Esta é evidentemente uma interpretação possível na linha da grande tradição das anáforas, que não prejudica a intenção dos redatores.

### ***Entrar na escola da grande tradição litúrgica***

É preciso, portanto, entrar na escola da grande tradição litúrgica da Igreja de Jesus Cristo, que é mais ampla que a tradição da Igreja romana do Ocidente, como fez o Concílio, embora ainda um tanto condicionado pelo peso de uma teologia milenar e acrescentado pelas pressões que Paulo VI e seus colaboradores imediatos sofreram de grupos tradicionalistas. Acolher o Concílio significa progredir no movimento de renovação por ele iniciado, cuja alma, no dizer de Paulo VI, era o espírito ecumênico.

Por ser o centro ou pólo de convergência da celebração da Eucaristia, a oração eucarística deveria nortear toda a celebração. A liturgia da Palavra, refratando ao longo do ano litúrgico diversos aspetos do Mistério pascal, acolhido no *sacrificium laudis* da assembléia, que

---

<sup>27</sup> Sobre a origem do Cânon Romano, ver L. BOUYER, *Eucharistie. Théologie et spiritualité de la prière eucharistique*, Tournai: Desclée, 1990, pp. 187-224.

<sup>28</sup> Isto aparece de forma muito clara em numerosas orações “secretas” ou seja, sobre os dons separados para a oferenda da Igreja, e aparecia nas orações do antigo ofertório.

culmina na oração eucarística e na comunhão do Corpo e do Sangue do Cristo, deveria preparar esse momento culminante, introduzindo à sua dinâmica oracional. Função predominante da homilia deveria ser esta *mistagogia* de introduzir no Mistério que se está celebrando. Desta forma conduziria também a fazer de toda a vida cristã o sacrifício espiritual, do qual a celebração litúrgica é sacramento: fonte e culminância. Desta forma a anáfora, iluminada pela Palavra e projetada na vida, encontraria em cada eucaristia, a gratuidade sempre renovada, pelo Espírito, do dom de Deus no seu Filho.

É isto o que se vê com mais freqüência? Será preciso, como chegam a postular alguns, uma nova reforma litúrgica? O movimento ecumênico, que despertou tantas esperanças após o Concílio Vaticano II, terá que reduzir-se ao fato inegável de os cristãos das diversas confissões manterem atualmente relações mais amigáveis e respeitadas, sem se questionarem sobre as suas formas de viver o mistério cristão<sup>29</sup>? Será que o protesto da Reforma não tinha nada que dizer às deformações “católico-romanas” de viver o cristianismo? Ou isto é apenas assunto reservado aos profissionais da teologia ou às comissões especializadas que persistentemente mantiveram o diálogo?

Será que o povo cristão deve ser abandonado às suas formas, às vezes bem pouco evangélicas, de viver a fé, sem ser ajudado à constante transformação que a sua configuração pela acolhida do mistério pascal do Cristo, celebrada na liturgia, deveria realizar? Ou interessa apenas juntar multidões ou disputar adeptos na concorrência despuddorada de ofertas religiosas de nossos dias?

Algumas semelhanças de fenômenos atuais com fenômenos do passado que despertaram o protesto da Reforma, sob a suspeita de que o modo como era celebrada a eucaristia escondia a crença na salvação pelas obras, deveriam servir de alerta.

Considerar a eficácia da eucaristia, de forma quase mágica, através da “presença” do Cristo na hóstia, até o ponto de passar pelos campos com o Santíssimo exposto, para espantar as pragas, não tem certa semelhança com percorrer um auditório com o Santíssimo exposto entre braços que levantam as carteiras de trabalho, tentando tocar com elas o ostensório, na esperança de conseguir um emprego?

Isto pode atrair multidões e despertar a fé em alguns que tiverem, depois, a sorte de encontrar emprego. Mas, que dizer de tantos que não tiveram a mesma sorte? O mesmo poderia dizer-se a respeito da procura de milagres com relação à saúde. Não se induzirá assim o povo, a longo prazo, a tornar a Deus responsável por tantos que vivem na miséria, excluídos da participação social nos meios para levar

---

<sup>29</sup> Referimo-nos evidentemente às Igrejas que pretendem manter, de uma ou outra forma, a sucessão na fé apostólica.

uma vida digna? Não é isto o contrário do que expressa sacramentalmente a celebração do mistério do Senhor, que está na glória do Pai, mas se nos dá sob os sinais da sua paixão e morte – seu Corpo entregue, seu Sangue derramado?

Observações semelhantes poderiam ser feitas a respeito de concentrar toda a atenção da assembléia no momento da impropriamente chamada consagração, contribuindo assim a perpetuar a mentalidade de que o objetivo da oração eucarística é “tornar presente o Cristo nas espécies sacramentais”, ocultando toda a dinâmica de santificação da assembléia da oração eucarística. Reduz-se, desta forma, a função da presidência ao “poder” de consagrar, com as palavras quase mágicas, esvaziando o ministério de mistagogia que deve introduzir a assembléia no “mistério” da anamnese da paixão salutar, através da sacramentalidade da oração pronunciada em nome da assembléia.

Que dizer da forma em que, não raramente, é recitado o relato da instituição, dirigindo-se à assembléia, fazendo um parêntese na oração, que conforme os textos recebidos da tradição, em nenhum momento deixam de estar dirigidos ao Pai? Poderia inclusive perguntar-se pela concepção teológica dos tradutores, ao terem suprimido, em algumas orações eucarísticas, a conexão claramente expressa no latim (seja por uma conjunção causal, seja pelo pronome relativo) da narrativa da instituição com seu contexto oracional imediatamente anterior.

A freqüente tendência de enfeitar a anáfora com toda classe de ritos e gestos (os chamados “gestos concretos”!), não esconde às vezes ou relega à periferia, o centro do Mistério que se celebra? Ao menos mostra que não se encontrou a forma de ajudar a assembléia a vivenciar o mais concreto de todos os gestos: o memorial guiado pelo Espírito da paixão do Senhor.

Pode se perguntar também se a persistente necessidade de marcar as intenções da missa, ou de mandar oferecer determinado número delas não esconde de alguma forma aquilo que deu ocasião aos reformadores de ver nas práticas da Igreja uma tendência a procurar a salvação pelas obras. Certamente isto mostra que ainda não se vivenciou suficientemente a afirmação conciliar de que o sujeito da celebração é a assembléia e que antes do número de missas celebradas conta a forma como elas são celebradas e até que ponto envolvem a assembléia na ação transformante do Espírito para fazer dela o Corpo de Cristo.

Tudo isto mostra a urgência de conduzir as assembléias eucarísticas à escola da rica espiritualidade que a tradição litúrgica nos legou nas anáforas ou orações eucarísticas, que junto com outras riquezas eucológicas do ritual são a melhor fonte de renovação da vida cristã.

Será necessária uma nova reforma litúrgica? Certamente é urgente beber no espírito renovador suscitado pelo Concílio Vaticano II, voltando ao centro da Reforma litúrgica e do Movimento que a precedeu:

a celebração do Mistério do Cristo, ocultado por tantos aspectos periféricos das formas de devoção “católicas”. Se a reforma litúrgica suscitada pelo Concílio, impulsionou a aproximação recíproca dos herdeiros da Reforma do século XVI e dos católico-romanos, isso é sinal da presença do Espírito de Jesus. O centro da sua “oração sacerdotal” é a sua súplica pela unidade dos seus discípulos.

As experiências que em diversas partes se estão fazendo neste sentido mostram que a proposta de renovação conciliar, se não fácil, é possível e frutífera. Mas certamente exige esforço, perseverança e competência litúrgica, catequética e teológica. Há ainda um grande caminho a andar. E não poderia ser de outra forma. Se estamos saindo de um milênio, no qual uma teologia um tanto alheia à própria tradição litúrgica deformou muitos aspectos da celebração eucarística, já seria uma grande graça se no fim do milênio que está começando florescesse uma teologia que, à semelhança da teologia do primeiro milênio, nascesse da própria tradição litúrgica. Se isso acontecer em todas as confissões cristãs que anseiam por encontrar a sucessão comum na fé apostólica, os cristãos poderão celebrar juntos a Eucaristia como Mistério da Unidade na vida e na missão.

Que a gratuidade do Mistério da Piedade divina deixado por Cristo, no memorial da Paixão, possa apressar esse dia que deve ser anseio de todos. Sobretudo, súplica ardente e incessante. Mas a passagem do milênio, que suscitou tantos pedidos de perdão pelos erros do passado, deveria lembrar às Igrejas, que o futuro não se plasma apenas com desejos apressados e ações intempestivas, mas requer a contínua e perseverante procura da verdade, num difícil discernimento que não encontrará melhor fonte de inspiração que o caminho do Cristo para a cruz. É este mistério – escandaloso para o mundo – que a eucaristia celebra. O olhar retrospectivo para o milênio que passou nos adverte da lentidão dos processos históricos e da persistência dos estragos causados por atitudes não suficientemente discernidas pelas Igrejas, que só poderão ser verdadeira e plenamente a única Igreja de Cristo se não esquecerem que devem estar em atitude de constante conversão. *Ecclesia semper reformanda.*

**Juan A. Ruiz de Gopegui SJ**, doutorou-se em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana — Roma, em 1976. Professor de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus em Belo Horizonte. Entre outras obras publicou: *Conhecimento de Deus e Evangelização*, São Paulo: Loyola, 1977.

**Endereço:** Rua José Lins do Rego, 337 — Tupi  
31842-350 *Belo Horizonte* — MG  
e-mail: ruizgopegui@brfree.com.br